

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

MARTINS, Joel Donizete. Joel Donizete Martins (depoimento, 2021). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 31p. (1h40min).

**Entrevista com Joel Donizete Martins (professor e ex-Diretor Geral do Campus Congonhas por dois mandatos), realizada dia 22 de fevereiro de 2021, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Tiago Magalhães e Mauro Fernandes Maia. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.**

**Douglas Biagio Puglia:** Bem, então, agora, gravando. Vamos começar. É, oficialmente, né, Joel, boa tarde, né!

**Joel Donizete Martins:** Boa tarde.

**Douglas:** Meu nome é Douglas, eu sou um dos representantes do Centro de Memória aqui do IFMG, e junto com o Denis, outro membro do Centro de Memória, nós vamos conduzir esse bate-papo, essa conversa contigo para a gente entender um pouco sobre a fundação do IFMG, o contexto em que se deram as coisas, né. Nesse sentido, então, primeiro lugar, muito obrigado, né, obrigado por despende o seu tempo aqui conosco nesse intuito ainda de a gente recuperar essa memória de fundação. E nesse sentido, ô Joel, a primeira pergunta nossa é uma pergunta, né, meio burocrática, é se você autoriza

a gravação, né, da entrevista, se tem algum problema para que a gente possa gravar entrevista com você, se está tudo bem em relação a isso?

**Joel Donizete:** É, primeiramente, boa tarde a todos aí. E agradecer, até poder contribuir com vocês, espero poder contribuir, né, com o histórico que a gente tem, com o conhecimento do sistema de implantação da instituição. E dizer que, é, para a gente é interessante poder participar desse processo. Eu não vejo problema nenhum em relação à gravação, podem gravar.

**Douglas:** Tudo bem. Então a primeira pergunta, ela é, a questão mais pessoal, que é a seguinte: eu gostaria que você pudesse falar pra gente um pouco da sua formação até o concurso e a entrada sua ali no CEFET, né, aí no então CEFET/Ouro Preto que depois vai se transformar em IFMG, se você pudesse falar um pouquinho, dessa parte acadêmica da sua formação, por favor.

**Joel Donizete:** Tá, eu me formei, na verdade, eu lembro, a minha carreira docente, né, ela iniciou muito cedo, eu iniciei a carreira aos 18 anos, né, comecei dando aula para escola infantil, ou seja, já tenho a formação em magistério, né, então com essa formação, é, eu fiz o ensino médio, né, um técnico-magistério. A gente era habilitado para dar aula, para alfabetização, ensino fundamental, então tenho esse histórico. Posteriormente, fui fazer engenharia civil na Universidade Federal de Viçosa onde eu tive oportunidade também de trabalhar com docência na área de monitoria. Então, esse histórico, ele é de longa data, né, e, posteriormente, ao terminar o curso de engenharia, eu fui fazer mestrado, né, em Brasília, na UNB. E ao longo do mestrado também dei aula em algumas escolas particulares, já em cursos superiores. E quando eu fiz, assim, no finalzinho do mestrado, eu fiz um concurso para trabalhar no Instituto do Patrimônio, é, o Instituto do Patrimônio Histórico, em Ouro Preto. É, trabalhei lá por 4 meses, foi quando eu tive acesso a esse concurso, né, que estava sendo aberto para implantação da unidade do então CEFET/Ouro Preto, em Congonhas, a UNED/Congonhas. Então, eu participei do concurso na área de planejamento. A minha área de formação do mestrado foi a área de estruturas e construção civil, ou seja, trabalhei muito com planejamento, na parte de gestão de obras, e a minha habilitação no concurso foi pra essa área. Então, eu

passei no concurso nessa área de planejamento, de organização de obras. Então, ingressei aqui, né, logo no início nos primeiros anos. A gente, a instituição, ela funcionou na escola municipal por 1 ano. E então, nós temos dos docentes, né, daquela época que entraram juntamente comigo, que permanecem em Congonhas, hoje, são apenas 3, né. A gente era, se eu não me engano, nós éramos 11 ou 12, algo nesse sentido. E de técnico-administrativo daquela época permanece uma técnica também, outros foram para outras instituições. A maioria dessa primeira etapa foi para Ouro Preto. Então, participei dessa implantação. Na época, o diretor-geral aqui era o professor Jair Mazon, que é professor do CEFET/Ouro Preto. O professor Jair Mazon, ele, depois, uma outra eleição, né, foi eleito o professor Caio como diretor geral, e aí houve o convite para um dos colegas, que era o professor Eleonardo, para assumir a direção aqui da unidade, foi quando nós já fomos mudar pra sede nova, né, na época que o presidente Lula já veio aqui e inaugurou. Então, a gente já foi para essa sede nova já nesta administração, e desde então, né, a gente vem trabalhando, eu entrei na gestão nessa época quando eu fui trabalhar, ajudar na parte de administração, de planejamento... Na época era prefeito, a função era prefeito de campus, inicialmente. Nem era prefeito de campus, era assessor de direção, e a gente foi mudando o cargo. E então, nesse período, participei de todo o processo, junto com o professor Eleonardo, de implantação, né, de expansão da instituição. Então todo o planejamento, ele foi feito nessa época, e aí, ao longo desse processo, eu iniciei também o meu doutoramento que já foi na área de construção metálica. E esse doutorado ele terminou em 2010, 2010, 2012, mais ou menos, então, foi onde terminei a formação acadêmica. Então, eu venho trabalhando nessa área de planejamento e agora, mais recentemente, tô me envolvendo mais na parte de modelagem da informação da construção, que é uma tecnologia nova, que tá sendo aplicada aí na área de engenharia e arquitetura. Então sobre formação, né, a gente tem, né, claro, tem uma série de formação, a gente passou por, para poder exercer a função de gestor curso, diversos cursos de liderança, parte de eficiência em planejamento, é, então aquela série de cursos de curta duração. Mas os cursos de maior duração são esses que eu estou listando pra vocês aí.

**Denis Pereira Tavares:** Joel, perfeito, é, boa tarde, eu sou o Denis, eu sou bolsista do Centro de Memória, e aí, é, assim como o Douglas, né, gostaria de te agradecer já de antemão pela sua disponibilidade aí, né, a gentileza de ceder essa entrevista aí pra a

gente hoje! Com esse projeto nosso de entrevistas, já vai entrar com a sua a oitava entrevista, então a gente vai, né, alimentar nosso Portal com essas entrevistas, né, que têm o objetivo de percorrer essa história, a fundação, essa história institucional do IFMG. Tá certo então, muito obrigado! Você já começou a falar um pouco aí, é, além de docente, né, das funções que você desempenhou no CEFET/Ouro Preto e no IFMG, então, assim, só pra recapitular um pouquinho e continuar nessas funções, além de docente, quais foram exatamente as funções de direção que você desempenhou, seja no CEFET/Ouro Preto, né, seja no IFMG? E aí como que surgiu a oportunidade de assumir essas funções?

**Joel Donizete:** Então, a primeira função que assumi foi a função de assessor de direção, assistente de direção, nem era o cargo, era uma função comis... como que chama? Função gratificada, na época, né? E o convite veio, pelo seguinte, porque precisava de alguém com conhecimento nessa parte de gerenciamento de obras de planejamento, pudesse auxiliar no processo de implantação, né. Então, nós da área de edificações, né, a gente tem, todos os engenheiros civis tinham plena capacidade de poder contribuir com esse processo... No entanto, dos professores daquela época, o único que residia aqui em Congonhas era eu, né, então houve essa sondagem e chegamos à conclusão, né, que eu deveria ajudar. Então, nesse primeiro momento o intuito foi esse, né, a gente como era, só tinha um diretor e eu como assistente, então a gente acabava que trabalhava em todas as áreas, atuava na área de ensino, tinha pesquisa pra gente, tinha que trabalhar um pouco de tudo, né. Com o tempo, a gente foi adquirindo experiência, então essa função ela passou posteriormente à prefeito de Campus, já um cargo de direção. E aí um momento que fez a transição de UNED, de CEFET, para IFMG, pra fazer uniformização dos cargos, né, existia o cargo diretor de gerenciação de planejamento nas outras instituições, então eu assumi esse cargo, né, que as atividades eram semelhantes. Então, fui diretor de gerenciação de planejamento por um longo período, as datas corretas eu não tenho isso aqui no currículo, se depois quiserem eu posso mandar para vocês. Eu não me lembro exatamente as datas, que é um período longo, isso é desde dois mil e sete pra cá, né, um longo período. E posteriormente, então, com a saída do diretor-geral que até então, o professor Eleonardo, ele foi por ordem, ele foi escolhido, né, pelo diretor de Ouro Preto. Posteriormente, ele foi eleito, né, e aí num dos mandatos dele, como ele morava em Ouro Preto, ele passou no concurso da UFOP,

optou por deixar o IFMG. E ao deixar o IFMG, né, a gente teve que fazer uma eleição... Tá, terminado o cargo daquele período, né, então eu assumi, eu fiz o concurso, né, concorri com o professor Fabrício, com um colega meu, e nós tivemos isso aí no processo eleitoral. Então, teve esse “mandato tampão” pra finalizar o período e, posteriormente, então, eu fui, me candidatei novamente aí por um período maior e aí fui eleito novamente, quando eu concorri com o professor Renato. Ai eu fui eleito novamente, né, fiquei aí, por mais, por 4 anos. Aí agora recentemente saí, agora em 2019, setembro, né, encerrando aí esse período aí de mandato.

**Douglas:** Não, legal! E agora falando já um pouquinho sobre o IF, né, na sua visão, o que é o Instituto Federal de Minas Gerais e, principalmente, qual o papel institucional que o IFMG deveria cumprir?

**Joel Donizete:** Bom, como a gente participou de todo o processo, de todas as negociações que foram feitas, e a gente... Como foi o processo de implantação, né? Teve uma, vocês devem conhecer a lei de criação dos institutos, que define claramente quais são, né, as linhas estratégicas definidas pela instituição, mas elas foram criadas num certo intuito. Mas, foi uma espécie de experiência, né, então, assim, (...) acredito que os idealizadores não sabiam como isso ia funcionar, porque pensava-se trabalhar a verticalização, pensava-se trabalhar desde o ensino básico até a pós-graduação, em relação à instituição. Experiência essa que poucas instituições tinham, né, então, para a gente foi um processo que foi difícil de amadurecer isso, porque, tendo professores das antigas autarquias que não tinham essa visão, ou seja, a ideia deles era trabalhar mesmo com a educação, com ensino, ou seja, você não tinha tanta experiência com pesquisa, não tinha tanta experiência com extensão, até porque as instituições anteriores não trabalhavam com isso. E aí já veio uma leva nova de professores, né, que vieram principalmente da... sim, é o meu caso isso, bem recém-formado, recém-saído de instituições federais, né, de pesquisa, que trabalha com pesquisa, já veio com uma visão diferente, aí já não tinha experiência básica com o ensino, né. Então, isso trouxe uma série de dificuldades que a gente lida até hoje ou a gente percebe que trabalhar os três eixos e trabalhar a verticalização é muito desafiador, até porque é cada governante cada, pessoas que estão à frente para definir, principalmente o CONIF, né, muitas vezes eles ficam fazendo experiências e às vezes, assim, a gente não consegue colocar de fato

aquilo, implantar aquilo de fato. A gente tem uma série de regulamentações, e foram criadas aí ao longo do tempo, e que não houve êxito nessas implantações justamente porque precisou definir de forma mais clara e conhecer a realidade da instituição. Mas, eu acredito que boa parte do objetivo está sendo cumprido, primeiro a questão da interiorização do ensino, né, acho que isso é democratizou mais o acesso, então, por exemplo, nós temos várias regiões que antes não podiam ter uma instituição pública de ensino, né, tanto de nível básico, quanto de nível superior, e por causa da ação, hoje tem. Em função da presença dos institutos, a gente tem formado aí muitos alunos, ou seja, tem uma contribuição, a gente tem trabalhado muito com o público local, com o arranjo local, arranjo produtivo local. Então, nesse sentido, eu acho que as instituições, os Institutos têm atendido, e a gente, no processo de criação do IFMG, a gente... Tornou-se uma instituição muito grande e com experiências bem diversas, ou seja, a gente tem instituições mais voltadas para o industrial, como era antes com o CEFET/Ouro Preto, Congonhas, Ouro Branco, né, e temos também as agrotécnicas, cada um com a sua expertise. Mas, juntando isso tudo, então, eu acho que nós ao longo do tempo adquirimos uma experiência diferente, porque nós conseguimos criar uma... Por mais que, foi uma instituição que teve o objetivo, assim, inicialmente, de unificar regionalmente apenas, né... Às vezes, se pensou muito na diversificação de trabalho dessas instituições, e a gente, ao longo do processo, quebrando muito a cabeça, eu posso afirmar, de fato, quebrando muito a cabeça. Foram muitas reuniões para a gente conseguir chegar numa estruturação, no perfil de instituição que pudesse atender essas diversas facetas, né, de instituição pública. Então, eu acho que a gente tem atendido, sim, o objetivo dentro daquilo que é possível. Mas, falta ainda, falta definir de forma mais claro, né, qual que é o principal objetivo, e a gente entender, na verdade, nem é sair um pouco até da lei da lei de criação, mas pensar um pouco, assim, com esse tempo de trabalho que nós temos com a instituição o que a gente consegue fazer de melhor, o que a gente consegue... Então, a gente pensa numa forma de potencializar isso. Então, eu penso que uma questão a ser discutida para que a instituição continue se fortalecendo, porque nós temos uma série de regulamentos que são criados, regulamento para as atividades docentes, regulamentos para atividades técnicas, regulamento pra, é, limites mínimos e máximos de trabalhos que devem ser feitos, mas que a gente não consegue uniformizar isso porque são, sei lá, são documentos idealizados sem considerar o perfil de trabalho da instituição que é muito heterogênea, e por isso a gente não consegue ter muito sucesso em alguns dos projetos que são lançados.

**Denis:** Beleza, bacana, Joel! Deixa eu te falar, para você que acompanhou aí, é, o IFMG desde o seu momento de criação, institucionalização, essas dificuldades iniciais, né, da formação mesmo do próprio IFMG, E agora, né, passados 12 anos, e também levando em conta essa sua experiência em funções de direção, é, qual balanço que a gente pode fazer aí desse período inicial, levando em conta esses 12 anos de IFMG?

**Joel Donizete:** Não, é, o meu balanço é muito positivo, igual eu falei, né, eu acho que a gente, é, fomos colocados aí em um processo experimental, até as pessoas que idealizaram o projeto não tinham a noção clara do que seria... E a gente sabe disso porque muito do que foi proposto teve que ser revisto, muito do que foi proposto inicialmente teve que ser remodelado, né. Então eu acho que nós, né, temos cumprido um papel fundamental, eu acho que todos os gestores que passaram, né. Tem gestões que a gente teve questões ideológicas às vezes diferentes, pensamentos diferentes, mas chegamos até aqui. Um modelo que nos chega para hoje, até aqui, é um modelo que foi o melhor possível, ou melhor, que os gestores conseguiram propor e a instituição, né, conseguiu desenvolver, então, eu acho que, eu faço um balanço muito positivo da instituição, pensando que, por exemplo, hoje nós temos uma marca que tem uma força muito grande, nós temos uma amplitude muito grande de atuação, cumprimos, mesmo com algumas dificuldades, né, o tripé: ensino, pesquisa e extensão. Com muita dificuldade, né, posso afirmar isso porque, de fato é difícil, né, às vezes você não consegue trabalhar em três frentes, né. Ao mesmo tempo, né, e a gente não tem isso, não define de forma muito clara, não tem prioridade de um em relação ao outro, num trabalho em si, né. A priorização, é, a proposta de trabalho... Mas a gente fica perdido, você não sabe, assim, individualmente, os profissionais, eles não conseguem ter um foco específico. Por quê? Porque não é um planejamento pensado muito nesse universo diverso, né, de servidores que existem na instituição.

**Douglas:** Legal, legal! E agora, já indo pra questão... (celular do depoente toca).

**Joel Donizete:** Desculpa, deixa eu desligar aqui...

**Douglas:** Tranquilo. Agora já indo para a própria questão da criação dos Institutos, né, mais especificamente do IFMG, né, a famosa Lei 11.892, de dezembro de 2008, ah, você conseguiria situar, falar para a gente, como foi o processo de criação do IFMG, como que foi sua visão sobre esse processo de criação do IFMG?

**Joel Donizete:** Bom, o processo de criação, ele foi um desafio muito grande porque o que aconteceu, nós tivemos uma proposta, né, de criação dos Institutos, né, e pelo o que eu acompanhei então, assim, acho importante vocês fazer essa pesquisa para fazer um histórico real, né, mas a gente fez um trabalho de bastidor, né, de acompanhamento de reuniões, então eu vou falar a minha visão de bastidores. Eu não participei de todas as reuniões, pode ser que vieram outras reuniões com as definições, mas a gente, é, num primeiro momento, houve a proposta de criação do IF. Na verdade, o Instituto era para você definir por regiões, né, então, cada instituição iria propor, né, o modelo, então, na época, Ouro Preto fez uma proposta de um modelo junto com Congonhas, e eu lembro que Bambuí acho que também fez uma proposta, é, São João Evangelista também teve outra proposta, então houve vários arranjos, né, pra se definir como é que ficaria, né, no caso qual seria a sede, né. Na verdade, a questão toda na época era a sede. Qual instituição seria a sede? Então, Ouro Preto fez uma proposta, acho que houve tentativa de negociação com os demais... E assim, eu participei de algumas reuniões, né, e aí acho que nas negociações, aí eu não participei disso, não passei por todas reuniões, porque isso ficava muito entre os diretores na época. E aí, a gente num segundo momento, né, de reuniões, já veio a proposta, né, não sei se partiu de Brasília, de uma reunião em Brasília, não sei. Vamos pensar nessa proposta de criar uma instituição que trabalhasse aí, né, com Ouro Preto. Daqui, acho que foi Ouro Preto, Bambuí, num primeiro momento, depois São João Evangelista entrou... Eu não tenho como resgatar essa história, que eu não tenho isso registrado para saber, mas eu sei que foi assim. E aí, nesse primeiro momento, foi definido como Ouro Preto, partiu inicialmente de Ouro Preto essa proposta, é, a sede ficou inicialmente em Ouro Preto. Então, vieram gestores das instituições, vieram gestores de São João Evangelista, vieram gestores de Bambuí, e alguns colegas, inclusive, tem alguns que estão aí até hoje, né, a gente conheceu naquela época. E assim começamos a se tratar, a pensar numa forma, né, de criar essa instituição, processo muito complexo, né, porque, como eu falei lá no início, era um era

histórico de trabalhos muito diferentes. Para a gente, na época Formiga, é, eu não sei se Formiga já existia, eu acho que, eu não lembro se Formiga já existia na época, mas eu lembro de Formiga participando das reuniões iniciais, eu não sei como que era a relação de Bambuí com Formiga na época, né, em Ouro Preto a gente participava mais da gestão, acompanhava mais. E aí houve essa unificação das instituições, e tivemos aí uma série de altos e baixos, né, avanços e retrocessos nesse processo de negociação. Até que conseguimos comprar, né, a sede administrativa que nós temos no Buritis, em Belo Horizonte, e aí passou então o funcionamento lá... Então, é, um processo difícil, mas foi um processo que nós aprendemos muito, né, passamos a conhecer muito do histórico de outras instituições, né, com perfil agrícola como Bambuí e São João Evangelista, e aí a instituição, ela ficou sendo moldada a partir dessa unificação dessas instituições.

**Denis:** Como você disse que participou das reuniões, né, de algumas reuniões, e acompanhou isso, meio que de bastidor, você sabe, consegue situar pra a gente, assim, na sua percepção, por exemplo, quais foram as principais questões levantadas e aí os principais desafios que surgiram nesse processo de criação dos Institutos Federais, e do IFMG, assim, mais específico?

**Joel Donizete:** Quais principais o quê?

**Denis:** Quais foram as principais questões levantadas nesse momento inicial, principais questões levantadas e os principais desafios desse processo de criação dos Institutos, ou do IFMG, em específico?

**Joel Donizete:** Tá, o principal, assim, o problema que a gente tinha era distância física, as instituições eram muito distantes. Então, por exemplo, no momento que a gente pegou a primeira sede em Ouro Preto, para fazer as mudanças, reuniões, isso foi por muito tempo, né, e até recentemente vem sendo muito complicado, que as regiões, fisicamente, elas são muito distantes, então, isso trouxe uma série de dificuldades, porque muitas vezes a gente não conseguia entender a necessidade do outro. Então, nas reuniões, às vezes, a gente tinha problema por conta disso, né. Então, nós agora, mais

recentemente, nós passamos a visitar as instituições, e isso facilitou bastante, porque a gente começou a entender mais da realidade de cada um, isso facilitou. Mas, assim, a primeira dificuldade que nós tivemos foi essa questão de definir um local que fosse mais centralizado e que pudesse atender a instituição de forma geral. Num segundo momento, era pensar uma forma de criar, é, uma estrutura mínima de funcionamento de cada unidade, para que pudesse atender o que prevê a lei de criação. Então, isso foi um grande problema porque tinha que se abrir mão, por exemplo, as instituições maiores têm que abrir mão em alguns momentos de algo que antes, né... E para que a gente conseguisse isso foi uma situação muito complicada, foi muito difícil de decidir isso, pensar nessa questão. Por exemplo, o processo de se tornar uma instituição só, né, como que se daria, por exemplo, o fluxo interno de servidores, né, a alocação de vagas como é que seria, fazer uma vaga nova pra onde que vai, né, ou seja, tem uma série de questões que foram definidas a longo tempo, é, o processo de remoção, distribuição de vagas, é, padronização das instituições, foram questões que foram muito discutidas e com discussões muito árduas em alguns momentos, porque envolviam interesses, né. Então, muitas vezes, as instituições, elas por mais que pensassem, é, como uma instituição, só como IF, mas havia aquela defesa da instituição anterior, e isso foi muito difícil, porque mesmo como gestor eu percebi isso, e recentemente a gente percebe que isso acontece ainda. Muitas vezes, assim, o gestor concordava com uma situação discutida na reunião de Colégio, por exemplo, mas ele tinha que consultar a sua base, consultar e chegar na base, e aquilo não era aceito, então é um processo muito complicado. Então, ser gestor nesses primeiros anos foi muito difícil, principalmente aqueles que tinham que tomar decisões... E, muitas vezes, assim, a situação funcionava assim, por exemplo, fazer um projeto sem expectativa de entender que o projeto ia ser, é, poder ser executado. A gente, por exemplo, aqui em Congonhas, tivemos uma situação muito interessante porque o governo falou: “olha, se vocês implantarem a modalidade de ensino integrado, né, vocês vão aumentar o número de alunos, e eu vou liberar o recurso pra vocês”. Eles construíram os prédios e nós já entendemos que era importante, era oportunidade ímpar pra gente, tanto que implantamos, na época, na verdade, a modalidade curso integrado. O recurso não veio no momento certo. Nós fizemos, ou seja, foi muito difícil a implantação dessa modalidade de ensino em Congonhas. Foi um processo muito complicado, por quê? A gente não tinha cantina, não tinha espaço pros alunos alimentar, não tinha quadra, não tinha nada, ou seja, os alunos eles esperavam muito, por exemplo, ah, às vezes ao fazer uma visita em Ouro Preto eles percebia que em Ouro Preto tinha

alojamento, tinha um restaurante, tinha uma quadra de futebol, tinha uma quadra poliesportiva, o aluno tinha uma bolsa, então, ele não entendia qual era... Sou aluno da mesma instituição, por que na unidade tal o aluno tem acesso a isso e nessa unidade não tem? E a gente não sabia explicar isso, né, então foi muito complicado a gente conseguir trabalhar uma proposta que atendesse, minimamente, a todas as instituições. E aí pensando essa questão de quebrar um pouco essa barreira da visão pessoal, né, ou individualizada da instituição e passar a ter uma visão mais coletiva, uma visão mais, de instituição, de corpo mesmo da instituição, eu acho que foi, acho que os principais problemas foram esses.

**Douglas:** Joel, então, nesse sentido, até que você já começou a explicar o que era a UNED de Congonhas e qual que era o papel que ela cumpria dentro da estrutura do CEFET/Ouro Preto?

**Joel Donizete:** Olha, a UNED, ela foi criada, né, Ouro Preto tem um histórico muito grande de criação de cursos, né, então, ou seja, por mais que tenha a sede em Ouro Preto, eles têm um histórico de oferecimento de cursos em outra cidade. Então, eles ofereciam curso em Congonhas, oferecia curso em Ouro Branco. Em Congonhas não tenho certeza, mas em Ouro Branco com certeza. Eles ofereciam curso em diversas cidades, era cursos em espécie de convênios, né, então como eles tinham essa experiência. Quando surge a possibilidade criar as UNED, aí a visão que eu tenho é isso aí, os gestores lá de Ouro Preto eles podem detalhar com mais propriedade, porque eu não participei desse processo, já participei desse processo com a ideia de criar, né, mas como eles tinham esse histórico. Foi criado na época com o lugar, pelo que eu fui informado, então não sei se isso procede ou não, mas que houve, é, oferta da criação da unidade. Poderia ser em qualquer das cidades aqui do entorno, mas seria unidade mesmo, ou seja, seria um convênio com a cidade, com o município, então parece que houve a negociação com o Ouro Branco, com Lafaiete e com Congonhas, né, pra criação dessa unidade. E parece que houve uma aceitação maior do prefeito aqui na época, o prefeito Anderson Cabido. Então, como ele demonstrou essa vontade, né, pelo que a gente sabe aí da história da instituição, houve então a implantação da unidade aqui. Então como foi, era uma unidade, a gente não tinha aquele momento, nenhuma experiência em gestão, ou seja, criar uma escola, vai oferecer cursos, mas, assim, as

peessoas que queriam estar à frente de forma direta não tinha nenhuma experiência, eram os servidores, todos os novos, então veio 2 servidores, além do diretor-geral que era servidor de Ouro Preto, veio um outro servidor também, que é o Ney, tinha experiência na parte de, era docente também... Para que esses servidores, eles ficaram encarregados de, na época a diretora, é uma pessoa, Maria da glória, eles ficaram encarregados de fazer a gestão dessa unidade, então era uma extensão, né, de Ouro Preto. A diferença eram os cursos que foram implantados aqui, tendo o curso de edificações, que era um curso que eles tinham experiências em curso lá porque já era oferecido, então o mais fácil. Tinha até aberto dois novos cursos na época que aí já não foi exigência do município, né, pensando os arranjos produtivos locais, o curso técnico de produção industrial, depois que foi depois extinto quando a gente criou o curso de engenharia de produção, e o curso técnico em mecânica, também existe até hoje. Então a gente contou com professores, né, com experiência também para exploração desses cursos novos. E a gente começou a trabalhar, né, mas sempre tendo esse apoio do Ouro Preto, tendo esse apoio logístico, todo esse apoio que a gente precisava, a recepção da instituição. A gestão de recursos, ela era centralizada em Ouro Preto, a gente não tinha uma gestão, a gente ficava mais com uma gestão acadêmica da instituição, né, enquanto unidade. Posteriormente, quando nós passamos... Apesar de que vinham verbas carimbadas, vinha alguns outros recursos, eram direcionados pra UNED, mas quem fazia a gestão disso era Ouro Preto, porque a direção estava lá, então eles tinham esse poder... E então, posteriormente, quando passou aí a IFMG, aí nós passamos para um outro patamar, porque a gente passou a ser unidade como Ouro Preto, então passou a ter uma gestão específica, então passou por um momento diferente. Mas a questão do momento inicial, é, porque de fato a gente não foi criado com uma instituição, a gente foi criado como extensão da unidade original.

**Denis:** Ô Joel, e de que maneira que Congonhas, ela foi incorporada dentro do projeto do IFMG, já nasce, por exemplo, como campus? E aí, é, quais foram as percepções da comunidade local de Congonhas a respeito dessa criação do IFMG?

**Joel Donizete:** Congonhas, o campus Congonhas já foi criado como campus, porque já fazia parte da instituição, ou seja, foi criado posteriormente, tem vários campus novos que vieram posteriormente. Como é que Congonhas sabia de início, falo Formiga

também... É, assim, houve uma confusão muito grande no primeiro momento porque as pessoas, é, essa questão de criação da do Instituto, ela não foi tão divulgada, não foi tão, na verdade, assim, foi muito recente, 2006 para 2008, acho que 2010, não lembro exatamente quando abre o Instituto, aí, sim, foi muito pouco tempo para que a marca ela pudesse ser consolidada para as pessoas: “tá, chegou uma escola técnica”. Porque aqui tinha uma escola técnica. Num primeiro momento, as pessoas começaram a entender o que era uma escola técnica, aí depois começou-se a entender o nome CEFET, até por referência ao CEFET de Ouro Preto, aí depois vem o IFMG, então ficou uma confusão muito grande, e se permanece até hoje, tem gente que chama de IF, tem gente que chama de IFET, tem gente que chama de CEFET ainda, né. Então, ou seja, essa questão da consolidação da marca, do nome, é, com IFMG, acho que precisa, acho que as pessoas estão mais atentas ao que a gente oferece, a instituição em si, né. Então, eu acho que ainda vai levar tempo para que o nome IFMG as pessoas entendam de fato qual é o principal papel da instituição. Internamente a gente tem essa dificuldade, porque tem professores que acham, por exemplo, que a gente poderia excluir os cursos técnicos e criar superior, né... Internamente, a gente tem dificuldade até dentro dos próprios servidores... Então, é uma questão que vai levar um tempo maior para que, né, as pessoas se identifiquem, de fato, com aquilo que é o projeto de criação.

**Douglas:** Joel, você até já começou a falar sobre isso, mas, só para aprofundar um pouquinho, algumas outras entrevistas, o pessoal dos campi mais antigos falaram muito de perda de autonomia, né, que com a criação do IF acabou com aqueles campi que eram autarquias, perderam um pouco autonomia, que é mais ou menos o que você falou. Por outro lado, quando a gente escutou, ah, acho que foi o Robson lá de Formiga, e agora vendo um pouco você falar, Formiga e Congonhas eles já passam por outro processo, para eles há uma visão de ganho, justamente porque eles passam a ter uma estrutura própria, como você mesmo disse. Então, queria que você aprofundasse um pouco isso pra a gente, né, quais foram mais dessas vantagens mesmo, tipo: agora somos um campus, agora a gente tem uma administração financeira própria, enfim. Como que foi visto pra vocês e como isso influenciou no desenvolvimento mesmo de Congonhas?

**Joel Donizete:** Bom, para a gente esse processo de... Eu não tenho essa visão de, “ah, perda de autonomia, perda de”, eu acho que houve uma perda de, assim, de um olhar local para olhar global, eu acho que a perda foi essa, porque não houve perda de autonomia, você passou a ter que compartilhar suas decisões com os demais. Você não deixou de tomar decisão, o pessoal passou a tomar decisões em conjunto, né. Então, eu acho que é não, não foi uma perda de autonomia. Em relação a Congonhas, o que nós ganhamos com esse processo, né? A gente passou, eu acho que o grande ganho para a gente, acredito, para Congonhas e Formiga, foi que nós podemos de fato exercer a gestão da instituição que até então, não, num... A gente poderia, por exemplo, definir quais seriam os objetivos, né, quais seriam as ações que seriam implementadas, pensando especificamente na, localmente, pensando naquilo que era a necessidade da instituição. Mas, assim, não houve tantas perdas até porque o processo de estruturação, no caso de Congonhas, ele era em paralelo, então existia interesse de criação, por exemplo, tanto que muito do que nós conseguimos dentro do campus, conseguimos com a UNED ainda, né. Então, nós não tivemos tanta dificuldade assim, apesar que era uma gestão centralizada. E existia isso, mas, é, eu acredito que para a gente poder exercer o papel de gestor mesmo, ao mesmo tempo que foi um ganho, foi um grande desafio, porque a gente não está preparado para isso. Então, se você pensar, por exemplo, assim, hoje, é, pra nós, primeiros gestores, foi excelente, porque a gente teve que aprender sobre ensino, aprender sobre pesquisa, aprender sobre extensão, aprender gestão, aprender administração de obras, aprender um pouco de cada coisa, porque a gente foi obrigado a fazer isso, né. Então, pra gente foi uma experiência interessante, mas muitos não, não aceitaram o desafio, pra muitos foi muito pesado, ou seja, simplesmente, “agora vocês têm recursos, vocês se virem, vocês vão ter que se virar com isso, com o que tem”. Então, por exemplo, uma situação complicada para a gente, Congonhas, por exemplo, nós, em algum momento, nós percebemos que alguns cargos de direção que foram direcionados pra instituição, né, é, propriamente pra Congonhas, estávamos falando, já que é pra criar agora, uma novidade específica, a gente quer que essas funções, como elas foram carimbados, elas vão pro campus Congonhas. E aí, no processo de criação do IFMG, né, na verdade, nem foi o processo de criação, foi posteriormente, quando a Reitoria, o Colégio decidiu a questão: “hum, lá é seguir autarquia, lá que”. Sei lá quem definia qual que era a estrutura básica de cada instituição, e que a gente não concordava, eu continuo não concordando até hoje porque eu acho que, é, a gente quando faz isso, você cria mesmo, se separa, ao invés de pensar

uma gestão do jeito que você pensa, muito a questão lá, eu acho que o tamanho tal, que dá pra fazer isso, né... Aí a Reitoria tem que ter isso e, às vezes, a gente não vê muita justiça porque, por exemplo, não há um paralelismo nos cargos, um diretor de ensino é num determinado campus com um porte x é, às vezes, é, muito mais da atribuição que um assessor de ensino da outra, e, às vezes, o outro lado tem uma, no caso, direção de nível acima... Então, não existe um paralelismo nisso, então isso, de fato, eu acho que atrapalhou um pouco a gente porque, realmente, você for olhar nesse sentido, você passa assim, você tem isso, você vai ter que se virar com isso, mas você vai ter que dar a resposta nesse nível, né. Então isso, essa questão que às vezes eu acho que tirou um pouco desse poder de decisão. É, considerando aquilo que você tinha como conquista, isso, se a gente sofreu um pouquinho disso, imagina as autarquias antigas, e algumas tiveram que se adequar, Ouro Preto, por exemplo, tinha muita pessoa, e tá tendo que abrir mão de alguns professores... Então, isso foi muito complexo, mas, a gente aprendeu muito, né. Então, hoje eu, quando eu saí da gestão, eu saí de forma muito tranquila, porque hoje nós temos, nós conseguimos implantar um projeto na área de extensão, tem o projeto na área de pesquisa, tem um projeto de ensino específico, então a gente tem isso bem consolidado, e a gente consegue se organizar mais rápido, mais rapidamente, eu acho que esse é o grande ganho que nós temos hoje. Então, por exemplo, um exemplo foi agora com a implantação do ensino remoto, né, a gente teve uma capacidade de, pensando muito localmente, né, a gente teve uma capacidade muito rápida de discutir, se criar discussões e trazer uma solução que foi a solução das mais acertadas, porque a gente tem um processo, função de decisão, a gente aprendeu ao longo do tempo e esse processo de decisão, deu essa capacidade dessa resposta rápida, né, pra essa situação de pandemia. Então, eu acredito que a gente ganhou, ganhou muito com esse processo de criação, e autonomia, né, a gente ganhou, a gente, o fato de criar, né, a instituição, ela deu oportunidade para que a gente pudesse assumir mais responsabilidades e entender, né, quais eram as reais necessidades nossas e criar estratégias para atender essas necessidades.

**Denis:** Joel, sobre, agora sobre os cursos aí do IFMG de Congonhas, como que foi pensado, assim, a estruturação desses cursos aí de Congonhas? No caso, é possível, assim, fazer uma aproximação ou diferença entre o perfil do IFMG de Ouro Preto?

**Joel Donizete:** Olha, num primeiro momento, como eu disse, a gente teve, o curso era bem próximo do perfil do Ouro Preto, né. Um curso, que é o curso de Edificações, os demais cursos não, os demais cursos eram novos, né. O de mecânica, dá uma aproximação um pouco da Metalurgia de Ouro Preto, porque foi o setor de Metalurgia de Ouro Preto que definiu os perfis para os concursos dos professores que atenderiam o curso de Mecânica. Então, teve num primeiro momento, teve uma primeira aproximação, mas com o tempo, a partir do momento que nós passamos a administrar a instituição de forma mais direta, a gente começou a entender qual é o nosso papel aqui na região e os cursos eles foram adequados. Então, hoje o curso de Congonhas é bem diferente do de Ouro Preto, porque depende muito do perfil de formação dos professores, depende muito do, tem essa tentativa, às vezes deveria uniformizar, mas não tem como porque o perfil de formação que é diferente, não adianta. Eu queria colocar, por exemplo, formatar um curso em Congonhas igual ao formato de Ouro Preto, mas os professores têm formação diferente. Então, a gente, o básico que é exigido no catálogo, né, é claro, é atendido em todos os cursos, mas, é claro, tem algumas especificidades que depende muito do perfil de formação. E os cursos de Congonhas, eles aconteciam dessa forma, no primeiro momento criou-se os cursos, foram criados cursos pra, pensando muito na área industrial, opções de Mecânica e Produção Industrial, Mecânica Industrial, para área industrial, e Edificações pela questão de expansão, porque as empresas aqui estavam todas em plena estruturação, então tinha um plano muito grande de crescimento, precisaria muito mão de obra na construção civil. E aí, vieram esses três primeiros cursos, né, quando nós criamos o Instituto, enquanto que passou a IFMG, pensávamos também na verticalização, então foi criado o curso, então, de licenciatura em Física, né, eu não posso vou lembrar aqui a ordem cronológica de criação, mas nós tínhamos que criar, está na lei de criação, tínhamos que criar o curso de professores, onde fez uma sondagem aqui, entendeu que a Física, ela existia uma demanda grande. Posteriormente, nós criamos o curso aí, como o curso de Produção Industrial, ele não foi previsto no cartaz nacional de cursos técnicos, a gente teve que discutir. Aí, o curso que optou-se por criar, o curso de Engenharia de Produção é posterior, depois a gente teve o curso de... E nesse paralelo veio os cursos integrados, quer dizer, antes da criação da licenciatura vieram os cursos integrados que nós criamos, o curso de Edificações e integrado em Mecânica. Não, tem o de Mineração, porque eu esqueci de falar do curso de Mineração, me desculpe, na verdade os cursos nossos eram Produção Industrial, Mecânica, Edificações e Mineração. Peraí, deixa eu ver, não,

Mineração, não. São os três primeiros mesmo, quando criou o curso integrado aí veio a Mineração, é isso. Tá, quando vem integrado, surge a mineração. Foi criado o curso de Mineração e teve uma demanda grande, então os alunos reclamavam muito, os próprios professores reclamavam que estavam sobrecarregados. Então os alunos reclamavam que os professores também ficavam sobrecarregados, os alunos achavam cansativos ficavam com os professores, e depois nós criamos os a modalidade do curso integral subsequente que então para a gente conseguiu mais pessoas e propor, optamos por contratar conseguimos vagas, implantamos times, resolvemos a questão do integrado com os professores, por conta do curso à noite, subsequente em Mineração. Ao mesmo tempo, surgiu o de Engenharia Mecânica, porque os professores entenderam que puderam criar a engenharia, e mais no final do mandato a gente, para fechar os docentes, fizemos uma proposta aí pensando muito na regularização da carga horária dos docentes. Ficou aí, com essa criação do curso, a mudança a carga horária está muito diferente, então reunimos diversos departamentos que existiam no campus e aí entendemos que a criação de licenciaturas seria algo que atenderia esses quesitos de equalizar um pouco a carga horária. Com o curso de licenciatura em Letras, então a gente passou por todo esse processo com os cursos, mas, assim, a regulação foi só no início com os cursos Mecânica e Edificações, os demais cursos foram definidos pela gente lá na instituição, pelos professores ali, pelos técnicos presentes.

**Douglas:** Legal, jóia! Voltando um pouco para a questão da fundação, a gente até comentou essa questão espacial, geográfica, que o IFMG ele nasce ali principalmente da união de três escolas, né, a Escola Técnica de Ouro Preto, nosso CEFET de Bambuí e a Escola Agrotécnica de São João, aí eu queria ver a sua visão como que três escolas de, apesar de duas serem agropecuárias, mas com perfis diferentes, locais muito diferentes, distantes entre si, como elas vão se organizar e se juntar para formar o IFMG?

**Joel Donizete:** Então, foi esse o desafio, houve muita queda de braço, muita dificuldade para pensar em um em algo que seja... Porque o seguinte, cada instituição ela tinha a sua característica definida, cada instituição ela tinha o seu perfil de formação de professores, tinha sua estruturação e isso é uma tendência, por mais que às vezes as pessoas, que às vezes tem as ideias, você não cria uma instituição, não cria uma escola da noite para o dia, isso depende do histórico. E aí você imagina o seguinte: para você

criar uma escola, estruturar uma escola é difícil, leva tempo, imagine juntar três que têm perfis diferentes. Então, nesse sentido Congonhas e Formiga, foram as mais fáceis de adaptar, tanto que as reuniões, as propostas nossas que vinham, a gente atendia na hora porque a gente sabia que o corpo docente acabava que não tinha tanta resistência à mudança, então era mais fácil para a gente e a gente ia entender. A gente chegou já nesse momento de criação, de nova forma de criar, então... Mas, nas antigas foi muito difícil, então temos gestores que sofreram muito, todos eles sofreram muito porque a pressão é muito grande da comunidade, muita gente não entendeu, não entendia e, na verdade, não entende até hoje. Porque é uma instituição só, mas a estrutura física... o contato é mínimo, às vezes importa, por exemplo, assim, com o contato, assim, com os servidores no campus participando eventualmente de alguma reunião comigo, então não sei quem é, e as vezes, sim, tive intimidade porque em alguns momentos os gestores passaram que seguir as decisões coletivas... E isso trouxe problemas, então, houve várias reuniões que exposições acabaram sendo criadas, mas, assim, eu acho que nós vencemos, acho que houve consenso, temos muita coisa para corrigir ainda, mas vencemos. Hoje as reuniões, eu participei de uma reunião lá no início e participo de uma reunião hoje, é algo totalmente diferente, eu não converso com servidores de São João Evangelista sem conhecer o perfil da instituição, sem conhecer como que é a necessidade, então, por exemplo, um ponto, uma questão levantada, por exemplo, ponto eletrônico para os servidores de São João Evangelista, alguns servidores, é muito difícil quem trabalha com a máquina agrícola, ele vai ficar no campo, então tem uma série de questões que não dá para definir, tem dias que ele vai ficar até mais tarde lá para cuidar de alguma produção, então, ou seja, a gente entende isso hoje. Mas, naquele momento não, a gente queria padronizar e pronto. Então isso foi um problema sério.

**Denis:** E sobre esse processo de união dessas três escolas, sabe dizer para a gente como que se deu esse processo de negociação entre essas três lideranças dos três campi? E outra questão, já vou emendar outra questão para você: o campus Congonhas, como que trabalhou isso, a mudança institucional, vendo esse processo, três grandes, de repente, negociando e entrando em conflito, e como que foi esse processo de assimilação de mudança institucional dentro da unidade de Congonhas, essa transformação em IFMG, como que assimilou esse processo?

**Joel Donizete:** Olha, olha só, por mais que seja estranho isso, a gente só, todos nós gestores, principalmente, falando que as discussões elas envolviam os gestores, eles queria achar um modelo que atendesse todos, estavam correndo atrás de um modelo que pudesse minimizar... Porque, eles sabiam que eles teria que voltar para a sua instituição e justificar as decisões que eles tomaram, então eu não vi muita resistência em uma instituição sobrepor uma forma de pensar em relação à outra. Porque eles não poderiam se dar a esse luxo, quebrando a cabeça, disputando força um gestor com outro. O que ia acontecer, a gente não conseguiria se estruturar e a interação de recursos ela vinha a partir do momento que você conseguia enviar respostas, então você tem que mandar, “olha, eu tenho um projeto de construir tantos, de implantar tantos cursos”, então enquanto você está quebrando a cabeça para definir se vai seguir a metodologia da instituição A ou B, você discute a instituição. Então, eu acredito que esse processo de adaptação, ele foi um processo, assim, tentando, estava todo mundo na tentativa de superar essa forma mais rápida possível. Por quê? Porque precisava fazer isso, se não fizesse isso as demais instituições teriam briga, porque todo mundo tinha a noção que o seguinte: olha, a partir do momento que a gente unificou, assinamos documentos, acabou essa questão de cada um, se a gente for lá para o MEC a gente fica com a visão da instituição por inteiro, porque senão já perdeu dos outros institutos que tem no Brasil. Então, assim, para a gente em Congonhas foi mais fácil porque a gente estava estruturando, então a gente não teve dificuldade nenhuma, então em alguns momentos a gente ajudou nesse processo de tomar decisões. A gente conseguia, às vezes tem momentos que algumas coisas são definidas, que às vezes precisava de alguém que tivesse uma visão mais estratégica, né, e que não se pensasse muito nas necessidades específicas, então, por exemplo: “olha, como que nós vamos planejar os cursos, ah, bom, Congonhas, Formiga, acho que como a gente está nesse processo agora, a gente pode pegar o processo que a gente está utilizando aqui e expandir isso, então vamos pegar essa proposta, unificar e tentar discutir com os demais para que isso seja uma proposta da instituição como inteira”. Contribuí muito com esse processo porque a gente até falava na época, “mas a gente não tinha aquela visão viciada da coisa”. Então “aquela coisa que sempre funcionou desse jeito”, não, a gente queria uma visão para funcionar, a gente contribuiu dessa forma. A gente conseguiu alcançar muito em Congonhas, por exemplo, a gente conseguiu um processo de construção de projeto, nós conseguimos aprovar no MEC um recurso para a construção de sete prédios ao mesmo tempo e nós ficamos nessas obras todo o tempo, então nós passamos de um ano para o

outro a situação de um prédio para sete, oito prédios. A gente conseguiu fazer isso porque a gente conseguia fazer um planejamento mais a longo prazo, eu acho que não, acho que os gestores eles tentavam o máximo contribuir com a instituição, né, por perceber... Para vocês terem uma ideia, acho que é importante que isso se registre, muitos gestores adoeceram nesse período, tivemos perdas, um gestor, nós perdemos ele, tal foi o rebuliço lá, ele faleceu, então, assim, nós tivemos muitos problemas nesse período, mas acho que todos os gestores fizeram o melhor que eles podiam. Então, se eles foram convidados a participar é porque ou eles tinham experiência, ou eles tinham coragem para tomar decisões que muitos não tinham, não aceitavam os desafios, ou não se candidatavam. E o gestor fala que não, ele tem o perfil para isso, se acertaram ou erraram, eles foram escolhidos porque tinha experiência em gestão e podiam contribuir, e na forma que eles podiam contribuir, eles contribuíram. Então, se a forma que eles fizeram está funcionando, é porque esses gestores se dedicaram, então cada um teve seu sucesso. Em relação à postura de alguns gestores, “ah, porque isso ou aquilo”, então, muitas vezes as pessoas não veem os bastidores, o que a pessoa passou, o que é chegar em uma instituição sem nada e você ter que criar uma rotina de sobrevivência em uma instituição. Então, eu penso que essa experiência para todos nós foi muito interessante, mas foi sofrimento também.

**Douglas:** Joel, você até me deu um gancho para a nova questão que é a seguinte: você falou assim que muitos desses gestores chegam, vamos dizer assim, ainda não tinha nada e tendo que criar tudo, desenvolver todas as, enfim, né, os funcionamentos, partes administrativas, tudo mais. Como você de certa forma está desde o início em Congonhas e assume o mandato em efetivo, quais foram os primeiros passos mesmo, agora nós somos um campus, os primeiros desafios nessa empreitada que se apresentava nesse momento?

**Joel Donizete:** Olha, o primeiro passo foi criar uma estrutura administrativa para fazer a instituição funcionar, então nós pegamos perfis, os servidores, treinamos e nós criamos, tanto que, por exemplo, alguns desses servidores, lá no início, eles mexiam com outros setores, secretaria, pedagogia, foi isso, então nós criamos aquela estrutura mínima e isso se permanece até hoje, então foi isso, nós criamos uma estrutura administrativa, acadêmica, para poder funcionar.

**Denis:** E você como diretor de Administração e Planejamento, qual que é a sua percepção em relação à disponibilidade de recursos na época, recursos financeiros, pessoal, material?

**Joel Donizete:** Olha, em um primeiro momento foi difícil, igual eu falei, não tinha servidores, foi disponibilizado isso quando foi disponibilizado recurso, teve uma briga grande, “ah, isso vai para onde?” Então, como não tinha dado tempo da gente pensar em uma estratégia de alocação de recursos, tanto financeiro quanto humano para as unidades, a gente tinha aquelas, era difícil porque não tinha recurso, a gente começou lá com 20 servidores e aí muita coisa para fazer, e aí no campus tinha muita coisa para a fazer e a demanda era grande, e pouca gente para fazer. Só que em relação ao recurso financeiro, começou a vir o recurso carimbado e a gente começou a estruturar à medida que o recurso vinha, por exemplo, chegou o recurso de criar os prédios, a gente corria atrás, tinha plano de trabalho, um atrás do outro. Então esses prédios que eu falei com vocês que a gente conseguiu construir, a gente sabia que era um desafio muito grande que era colocar imobiliário, a parte que ia utilizar... Fim de ano, uma correria, a gente ficava sempre na expectativa, em dezembro, a gente trabalhava esse período, preparar projeto porque sobrava recurso e recolhia. Se você apresentasse projeto, você tinha. Apresentamos projeto e conseguimos mobiliar todos os prédios, então, assim, os recursos vinham de acordo com os projetos que eram feitos, então fiz muito projeto, muita correria, muitas idas e vindas em Brasília, então a gente apresentava o projeto aqui e o diretor, reitor estava lá, apresentava lá, discutia lá, ou seja, então eu percebi que houve a tentativa, houve a justiça a partir do momento que as instituições foram criadas, as estruturas, os gestores passaram a criar, pode ter tido alguma situação de estornar para um determinado campus e outro não, mas se foi alguma coisa que o campus tivesse acesso, a gente não percebeu que houve essa retirada, retirada ocorreu posteriormente quando ocorreu essa questão de estrutura organizacional, então aí foi isso.

**Douglas:** E você comentou, né, que em torno de um ano vocês saíram de um prédio para seis, sete prédios, como que foi esse processo, primeiro da organização e depois da

ampliação estrutural de Congonhas? Aí em outra entrevista foi citada, teve até a presença do Lula, como que foi essa ampliação estrutural de Congonhas?

**Joel Donizete:** Então, até já comentei com vocês, assim, a gente teve no primeiro momento, como Congonhas teve bem o projeto na época do governo Lula, da criação do ensino, então como Congonhas era unidade dentre as diversas do Brasil, a inauguração teve a presença do presidente e assim, posteriormente, foi essa luta que falei com você de criar plano de trabalho, de buscar recursos junto ao MEC, então a gente foi assim implantando, tanto que em Congonhas, se você olhar os prédios, não são os mesmos prédios quando comparados às vezes a Ouro Preto, mesmo com uma unidade mais nova, Ibirité ou Betim, vai ver que a arquitetura é diferente, eles já vieram em um momento de implantação do IFMG, então já se criavam grandes projetos, contratavam grandes escritórios de arquitetura e os projetos eram mais elaborados. Os nossos não, eram projetos feitos assim, como tinha que funcionar a gente pegava os projetos, submetia ao MEC, o recurso era liberado e gente começa a executar e adaptar, houve muito isso, então os prédios foram implantados dessa forma, depois que foram adaptando. Então, a gente conseguiu, por exemplo, se for olhar, nós passamos de 300 alunos para 1200, 1500, por um período muito curto, ou seja, essa estruturação não aconteceu no IFMG, foi um processo muito local, a gente correu atrás localmente, foram poucas obras que vieram depois da criação do Instituto dessa magnitude, é um processo que iniciou antes.

**Denis:** Joia! Você falou aí do processo do campus, e como você, especificamente, você se insere nesse processo? Qual foi, assim, exatamente sua contribuição nesse processo de construção e estruturação do IFMG de Congonhas.

**Joel Donizete:** Então, é como eu falei, como eu tenho essa formação em engenharia, eu participei praticamente de todo esse processo de criação de prédio, de acompanhamento de obras, de levantamento de recursos para a construção, estruturação, ou seja, assim, a função me fez participar de tudo praticamente, todo o processo. Então, se erramos em alguns momentos, fizemos muitas coisas correndo porque precisava fazer, mas, por outro lado, a gente acertou muito porque senão não estaria funcionando hoje. Para um

gestor pegar um campus com os recursos que ele tem é mais fácil do que a gente que pegou lá no início, eu acredito assim. Porque para mim, o fato de ter assumido isso, foi o que eu falei com vocês no início, que eu desejei isso, porque eu escolhi, por ter um perfil que se adequava naquele momento, mas aprendi uma experiência muito grande em gestão e planejamento que me ajuda hoje dando aula, então é um processo que tenho meu nome lá, sou gestor da instituição, conheço cada prédio... Eu também participei do processo, a gente está lá acompanhando todo o histórico junto com os demais servidores da primeira turma, a gente tem essa ligação direta. Eu construí minha casa, minha família toda aqui, já empregado aqui, então nós temos uma ligação direta com a instituição e aí espero que essa contribuição ela seja, tenha sido a melhor possível, e que as pessoas que cheguem recebam a instituição cheguem na instituição tenham essa dimensão.

**Douglas:** Joel, como Congonhas está inserido nesse processo, como você percebeu, como eram tratadas essas questões de criação e expansão no campus? Na sua visão, como você aí de Congonhas percebeu o crescimento do IF, de campi? Hoje o IFMG já conta com 18 campi, essas grandes empreitadas, sejam em construções ou ampliação dos campi, como você percebia essas questões?

**Joel Donizete:** Olha, os processos começaram com negociações com os gestores, faz isso, faz aquilo, aí por questão mesmo de acesso aos gestores, o máximo eles conseguiam, liberação, por exemplo, Ouro Branco, em Brasília, houve uma liberação de verba para colocar, olha, você tem interesse, era, funcionava assim, então, ou seja, as vias de negociações, e a partir daí passa o processo de definição do projeto e implantação. Então, como a gente tinha essa experiência de execução em Congonhas, gente participou muito desses processos de criação, definição de processos, até na criação de estruturas, hoje o IF tem uma estrutura para isso, que dá apoio, e nesse momento a gente participou. E era muito assim, era muito por demanda, por negociação mais direta de políticos na instituição, a partir do momento que era provado, passava-se então à discussão internamente, nomeava-se gestores, o gestor máster escolhia quem era de confiança para poder administrar a nova unidade e esses gestores passavam então a administrar essa nova unidade. Então, o processo que aconteceu foi esse, não tem o que falar além disso, não.

**Denis:** Certo, mudando um pouquinho de assunto, né, fazendo aqui um exercício aí de memória espacial, sempre que você ouve a palavra IFMG, tem algum lugar, local ou espaço dentro desta instituição que vem à sua cabeça? E aí qual exatamente?

**Joel Donizete:** Não entendi, repete, por favor?

**Denis:** Então, fazendo um exercício de memória espacial, né, sempre que você ouve a palavra IFMG, tem algum local, lugar ou espaço dentro da instituição que vem assim à sua cabeça? Qual local exatamente, lugar ou espaço?

**Joel Donizete:** Olha, na instituição, local que eu tenho, assim, por exemplo, eu lembro muito do primeiro prédio, o prédio onde a gente praticamente fazia tudo, acho que quando a gente olha aquilo e pensa que a gente tem que resolver tudo, que a gente resolve nas diversas instalações que nós temos hoje, dentro de um prédio... Então, assim, a gente relembra muito, não só na minha memória, o primeiro prédio que foi feito, muitos servidores lembram disso. Por exemplo, eu tinha uma sala né, que eu sentava, dividia a mesa com o diretor geral; tem a mesa, por exemplo, do servidores que trabalhavam no mesmo horário porque ficava uma mesa única para os dois... Então, esse momento marcou mais, que era um momento que a gente tinha mais dificuldade, mas era um momento que a instituição era mais unida, a gente percebia que tinha mais confraternização, a gente reunia e com isso se perdeu. Então, eu lembro muito desse prédio, se for olhar os prédios de sala de aula, o primeiro foi um prédio que já foi tudo, administração, RH, tudo junto em um lugar só.

**Douglas:** Ainda nessa parte espacial, tem alguma construção que te impressiona positivamente no IFMG, sempre que você olha para ela, te impressiona no lado positivo da coisa?

**Joel Donizete:** Tem, eu penso que em diferença a nós, e foi muito difícil porque a gente aqui é uma região mineradora, uma região que não é muito propícia para o solo, não é tão interessante para criar espaço, paisagismo, e a gente, quando o campus foi implantado, era muito sol, os alunos reclamavam de falta de sombra e nós conseguimos fazer o processo de arborização dos espaços e criação de espaços verdes, área de convivência... Então, acho que isso foi diferencial, eu até tenho uma questão até pessoal em relação a isso, tanto que eu chego para os meninos que são responsáveis, olha essa grama aí... Até hoje tenho esse cuidado porque temos esse carinho especial, porque foi algo que era muito necessário, os alunos reclamavam, os servidores falavam e quando a gente implantou isso e a gente conseguiu fazer essa arborização, todo mundo ficou muito impressionado, muitos alunos sentiram atraídos por isso, chegavam na instituição e viam que ali não era uma escola de ambiente fechado, era um ambiente em que as pessoas pudessem interagir. Quem conhece o campus Congonhas sabe, tem diversos ambientes de interação, tem mesas, nós criamos isso, houve uma definição estratégica de soluções, paisagismo que favorecesse a comunicação, aí a gente via muito essa questão da valorização das pessoas, tanto que no prédio foi feito, que é um projeto que nós temos registrado nos prédios imagens de vivências que nós tivemos ao longo dos anos, imagens de servidores, alunos, então, momentos, todo mundo que chega conhece um pouco a história para mostrar que a ideia era mostrar que nosso maior patrimônio eram as pessoas. Estavam ali registrados, isso foi algo muito importante para a gente porque era algo que afastava muito as pessoas, quando chegavam via só terra vermelha e sol, aquele ambiente hostil, então aquilo não deixava as pessoas... Tanto que muitos não moravam aqui, não criavam vinculação, não criavam um ambiente mais favorável nesse sentido, e nós criamos.

**Denis:** Bacana essa proposta das fotografias, que dá para acompanhar vários momentos do campus, bem bacana! Agora, assim, a respeito da proposta de ensino profissional e tecnológico, essa proposta contida na lei 11.892 né, essa proposta de ensino profissional e tecnológico, você levando ela em conta a lei, ela vem sendo aplicada no IFMG tal qual diz a lei, ou existe assim uma distância entre o que diz a lei e a sua prática?

**Joel Donizete:** Olha, eu acho assim, que eu fazer essa avaliação de forma isolada acaba sendo injusta porque eu não tenho como fazer esse julgamento, porque como eu disse,

as instituições são diversas, as instituições têm necessidades específicas, perfis de formação dos professores, tem muitas especificidades. Nós não temos uma facilidade para criar, por exemplo, apesar de nós, nos campus novos foi mais fácil, nos antigos não foi tão fácil, então, assim, a gente tem tentado, nós temos tentado, discutido muito a questão do ensino, tem sido muito discutido, por exemplo, a questão da integração do ensino, há uma briga muito grande, às vezes as áreas técnicas não conseguem chegar em uma conclusão. Eu acho que nós, com a experiência que a gente tem ao longo dos anos, a gente tem tentado fazer o melhor, a gente tem conseguido formar muita gente, muitos profissionais que saíram da instituição, conseguiram com essa formação o enquadramento no mercado de trabalho. Em alguns momentos nós tivemos até um avanço, porque uma das frentes da formação tecnológica é você dar capacidade para que a pessoa se desenvolva, não ser simplesmente empregada, consiga empreender, desenvolver seu negócio, nós tivemos experiências interessantes, nós da área de edificações tivemos alguns alunos que com grande satisfação, seguiram as áreas profissionais, se tornaram empresários em áreas que o conhecimento técnico deles deu para eles um diferencial no serviço que eles prestam, se era um serralheiro, passou a ser um serralheiro conceituado por conta do conhecimento técnico, se é um vidraceiro, porque são profissões que a gente tem profissionais do campus que fornecem, que são os serviços de qualidade por ter essa formação, então eu acho inclusive que isso deveria ser incorporado, porque fala-se muito em saturação de mercado de trabalho, cria cursos pensando muito demanda imediata e, às vezes, assim, a gente tem que pensar a longo prazo e pensar em uma formação que dá essa capacidade a pessoa a ter independência, ela poder utilizar o conhecimento que ela tem para definir o que ela tem, o que fazer e não ficar limitado. Às vezes a gente percebe, tem essa visão que a formação é para isso e pronto, só que esquece de entender que em um momento satura, então nós temos que criar condições para que o aluno utilize isso, mas não só isso, que ele utilize sua formação e que sua formação não se encerre ali, que dê um passo inicial, mas que ele entenda que vai continuar e usar aquilo que ele aprendeu para se desenvolver. Então, eu penso que a educação profissional deve ser essa e igual eu estou falando, por alguns resultados que nós temos aí, de retorno de alunos, a gente tem cumprido esse papel sim.

**Douglas:** Nesse sentido, falando especificamente sobre a região de Congonhas, porque ela está em uma região em que existe muitas indústrias ligadas à questão da mineração,

metalurgia, que é a própria aí da região, então pensando nisso, na sua visão, que papel que o IF deveria cumprir nessa questão ensino e trabalho, e como você percebe Congonhas nesse contexto? Como que ela se relaciona nesse contexto, ela está inserida nesse contexto de trabalho, como o ensino dela dialoga com esse contexto em que ela se encontra?

**Joel Donizete:** Olha, quando você pensa em educação inserida no mundo do trabalho, acho que a primeira questão que você tem que colocar é a questão da valorização do trabalho, para você poder formar para o trabalho, para não ficar aquela educação da escola histórica, do trabalho como uma medida de punição, então não é isso, o trabalho tem que ser satisfatório e a gente tem trabalhado, como a gente fala, de forma que dê liberdade para o aluno, então estou preparando ele para o trabalho porque estou dando possibilidade dele atuar, dele tomar decisão em que área vai seguir, o que ele vai fazer, dele ter as ferramentas básicas para poder se desenvolver... Acho que nossa educação está, sim, inserida em um trabalho, porque a gente trabalha a formação profissional, mas a gente também trabalha a formação humana, então eu falo muito com os alunos que às vezes tem uma visão: “ah, um aluno que fez uma mecânica não pode fazer medicina”. Poxa, eu tenho um colega professor que ele faz pesquisa na área de biomedicina, ele é engenheiro mecânico. Qual o problema de um aluno de formação técnica fazer uma medicina se eu tenho um pesquisador que trabalha biomedicina na sua pesquisa? Então, o mundo hoje, na forma de atuar hoje, é diferente, nós trabalhamos com múltiplas concepções, então, ou seja, o profissional que se destaca é aquele que tem uma formação assim, o profissional que consegue juntar diversas informações que estão aí no dia a dia, acessíveis na internet, tem várias fontes de informações, com essas informações cria uma alternativa para produzir algo novo, então eu penso que é isso.

**Denis:** Sim, e em relação ao modelo de ensino do IFMG, o que o IFMG oferta que o torna assim tão sedutor em relação a outros modelos de ensino, que faz com que os alunos procurem o IFMG e tal?

**Joel Donizete:** Bom, eu acho que sim, primeiro, tem uma série de questões que tem que ser levantadas, primeira delas, por ser um ensino gratuito, um ensino inclusivo, eu acho

que isso tem trabalho e inclusão, a gente tem investimento pesado em formação, ou seja, professores, toda a equipe é bem qualificada, então isso atrai. E você tem uma estrutura administrativa, física, nas instituições que favorecem isso, ou seja, o aluno ele é inserido em um ensino que ele pode trabalhar três frentes que são importantes para a vida dele profissional, com pesquisa, atuação profissional, ele pode trabalhar, então isso atrai porque ele sabe que ao ser inserido ali, ele vai ter uma pesquisa, futuro melhor, porque ali são oferecidas vagas, oportunidades para ele definir o que ele vai fazer, então acho que isso atrai. Essa capacidade de formação e é uma formação plena, qual o diferencial nosso em relação a uma instituição particular, a particular tem uma preparação no ensino médio para uma progressão em uma universidade, e a gente não, uma preparação para a vida, uma preparação de forma mais ampla, então, na verdade, os nossos alunos ao serem inseridos na escola superior, eles conseguem desenvolver de forma muito mais rápida, porque eles aprendem a ter que inovar já na sala de aula dentro das instituições.

**Douglas:** Nós falamos durante esse percurso que nós estamos fazendo, Joel, falamos muito do passado, agora, mudar um pouco essa chave, olhar um pouco para frente, como que você enxerga o futuro dos IF's, especificamente do IFMG?

**Joel Donizete:** Olha, eu tenho expectativas muito boas das instituições, até porque elas se consolidaram então hoje não é um projeto, nós temos a instituição com característica própria, com a sua contribuição na sociedade bem definida. E eu acredito que o futuro, ele, eu tenho uma expectativa de que o nosso modelo de formação ele tende a ser copiado, tende a ser ampliado. Por quê? Porque a gente consegue trabalhar com essas diversas modalidades e com qualidade, então, assim, eu tenho a expectativa muito boa, futura em relação aos cursos e eu acho que precisa de a gente trabalhar mais a nossa identificação, a gente tem que começar a se conscientizar mais sobre o nosso papel, como a gente pode crescer juntos e parar de ficar às vezes com essas disputas desnecessárias e começar a trabalhar com foco específico, pensando na valorização das pessoas, na valorização do ambiente, na valorização do clima organizacional, na valorização do fortalecimento do nome da instituição. Se todos terem essa noção, aí a tendência é crescer cada vez mais e a gente tem potencial para isso.

**Denis:** Levando em conta seu tempo de atuação como docente na Rede Federal de ensino, os cargos de direção que você ocupou, eu queria saber, assim, qual você considera a sua contribuição para o IFMG e para o crescimento institucional dessa instituição?

**Joel Donizete:** Minha contribuição é a que eu falei lá, participei dos processos de estruturação, do processo, por exemplo, se chegou algo que eu hoje, né, funcionando minimamente que seja, foi por uma participação dos gestores ao longo desses anos, então, assim, eu acredito que a minha participação, a minha contribuição é a mesma dos gestores que trabalharam ao longo desse período, porque a gente construiu tudo junto, de forma conjunta. Eu, o meu papel, eu enquanto representante do campus Congonhas, eu exercia o papel e tenho como, de repente, talvez algo que me deixa feliz é ter sempre reconhecimento, eu chego no campus as pessoas sabem e respeitam por saber que a gente passou por todo esse processo, então, alguns, esse respeito hoje ele acontece em outras instituições, eu chego na Reitoria, chego em outros campus, às vezes as pessoas não sabem, não conhecem fisicamente, mas conhecem pelo nome e sabem os gestores que aquela instituição já tiveram em algum momento, ou seja, a gente tem essa história construída. Então, acho que a minha contribuição está aí, tudo que a gente pode ver e falar assim: “poxa, ó, acertamos e erramos bastante”. Então tá lá a marca da gente, está lá. Então, eu citei um exemplo da questão da humanização do espaço do campus Congonhas, foi algo que a gente batalhou muito, ou seja, as pessoas não entenderam em um primeiro momento o porquê daquilo e a gente tinha que em um momento ou outro, uma, sim, várias demandas foram apresentadas, a gente pensou em um projeto para atender essas demandas. E aí a gente enquanto gestor, isso é muito interessante porque muitas coisas que a gente faz sem consultar comunidade, sem poder ser algo que o gestor... então se o gestor, ou uma nova equipe ou a própria instituição entende que o que você fez não foi válido, retira. Então quando você vê que aquilo permanece, deu sequência, é porque foi interessante, então com muita felicidade eu tenho percebido isso, inclusive muitas das nossas experiências foram criadas em outros campi.

**Douglas:** Jóia! Já caminhando aqui para o final da nossa entrevista, eu gostaria que você falasse um pouquinho do que você achou desse exercício de memória, fizesse um

balanço dessas quase duas horas sobre o passado da instituição, o exercício de memória que nós fizemos.

**Joel Donizete:** Bom, acho que foi bacana reviver esses momentos, poder compartilhar um pouco dessa experiência. Acho essa ideia deste Centro de Memória muito importante por isso, acho que a minha participação aqui, não é porque sou mais ou menos importante que qualquer outro servidor, mas, sim, porque realmente tem essa história guardada na cabeça e todo esse processo e acho que é muito bom poder contribuir, que isso fique registrado para que as pessoas entendam. Eu acho que hoje nós temos em alguns momentos muitas dificuldades que são trilhadas nos próprios momentos de tomada de decisão, porque as pessoas não conseguem ter uma visão mais ampla, mais assim limpa. O prédio você não coloca de um dia para a noite em um determinado local, não é um servidor ou outro que você vai estalar o dedo e vai chegar ali, requer um certo trabalho, e a gente poder registrar isso para que outras pessoas possam entender esse processo histórico. Acho muito importante, igual lá foi criado um memorial dos dez anos do campus Congonhas e neste memorial a gente fez questão de fazer registro de todas as etapas de obras, de quantos campus eram, de como as coisas funcionavam, para que essa história não fique só na nossa cabeça. Acho que foi interessante passar um pouquinho disso para vocês aí.

**Denis:** Jóia, a gente agradece demais a sua disponibilidade pela entrevista aí! Como a gente disse, essa vai ser a oitava entrevista, a gente no início perguntou para você se você estava de acordo com a disponibilização da entrevista e eu acho que agora, né, no caso, é mais justo fazer essa pergunta novamente depois da entrevista já todas as perguntas terem sido feitas, então, é, queria te fazer a pergunta novamente: você aceita disponibilizar para a gente essa gravação de entrevista? E aí depois a gente expor essa entrevista lá no site, alimentar com a sua fala lá no nosso Portal.

**Joel Donizete:** Sim, assim que vocês tiverem o trabalho e eu puder fazer alguma edição, vocês me enviam a prévia antes para que eu possa ver, mas sem problemas.

**Denis:** Certo, muito obrigado, viu!

**Joel Donizete:** Por nada, bom trabalho para vocês.

**Douglas:** Muito obrigado! Joel, só mais 10 segundinhos da sua atenção, nós vamos criar um Portal que será disponibilizada a entrevista escrita, mas no Portal nós vamos ter a transcrição da sua entrevista também na íntegra para que futuros pesquisadores possam utilizar e quando for feito não sei se falei inauguração, agora eu não, confesso que não sei a palavra, mas, enfim, quando ele for ao ar a gente avisa para você também, disponibiliza as imagens. Muito obrigado novamente!